

O patriotismo à espreita e a loucura da perseguição: algumas reflexões sobre “Nós, os judeus poloneses” de Julian Tuwim¹

MARTA TOPEL

“à minha mãe na Polônia ou à sua amada sombra”
Julian Tuwim, 1944

I

Tenho um cachorro: Dzioncio. Tenho 49 anos e me chamo Marta Francisca. Marta em memória de uma bisavó, e Francisca em memória de outra bisavó. Duas mulheres de Wloclawek, cidade pequena próxima de Varsóvia, cujo destino foi decidido por Hitler: Treblinka.

Falo mal o polonês apesar de que as canções de ninar que me cantavam minha mãe e meus avós eram em polonês. E meu cachorrinho salsicha carrega esse nome em honra a um belíssimo e divertido poema que Julian Tuwim, escritor judeu-polonês, escreveu sobre Dzioncio, seu cachorro, entre muitos outros poemas para crianças que até hoje são publicados na Polônia e recitados em diversos sites da internet.

Como Julian Tuwim, Januz Korcak, Bruno Schulz, Jerzy Stempowski e outras personalidades menos conhecidas e milhares de homens e mulheres que não viram a fama e a posteridade imiscuírem-se em suas vidas, minha família pertencia ao grupo de judeus poloneses assimilados: judeus que se sentiam poloneses, que se comunicavam em polonês e que, na maioria dos casos, mal sabiam falar o iídiche, mas em muitos outros dominavam o alemão.

Meus avós fugiram da Polônia em 1939, meses antes da explosão da Segunda Guerra. Partiram rumo a Bolívia, um dos poucos países do mundo que ainda recebia judeus. Tiveram de esperar até essa data para que minha mãe, Bianka Manuela Zakrzewski, cumprisse três meses e, assim, tivesse mais forças para empreender a longa travessia do Atlântico. Meus bisavós, que tinham passado pela Grande Guerra e não compreenderam a decisão do meu avô de fugir da Polônia, sugeriram e suplicaram que a pequena Bianka ficasse sob seus cuidados até que o estava por vir -do que só se sabia que seria um horror- mas não o horror que de fato foi, acabasse e meus avós voltassem a casa. Voltassem à Polônia.

Muitas vezes me perguntaram com surpresa como é que sei falar polonês -embora o faça muito mal- quando a regra diz que um bom judeu que passou pela hecatombe da Segunda Guerra ou cuja família foi exterminada pelos nazistas, como mínimo, cospe ao ouvir uma palavra em polonês. Ao que se seguem exemplos históricos de que os poloneses foram piores com os judeus do que os próprios alemães.

Minha avó, uma mulher tranqüila e muito medrosa, conseguiu separar a língua polonesa dos antissemitas poloneses e, assim que a família conseguiu instalar-se na Argentina em 1944, foi ao *Banco Polaco* de Buenos Aires para adquirir uma gramática da língua polonesa. O desejo era ensinar à minha mãe a escrever no que a minha avó pensava ser a sua língua materna. E talvez, quem sabe, em algum momento, voltar à pátria: voltar à Polônia. Para quem teve de emigrar várias vezes na vida como a minha avó, a língua tornou-se um refúgio, talvez, o único refúgio. Não por acaso minha avó sempre lembrava com orgulho que na escola na qual estudou em Woçlawek era a melhor aluna da classe em língua polonesa. Para a perplexidade e para o desprezo de algumas professoras e alunas antissemitas. Mas foi assim: há coisas que também escapam aos desejos de racistas e antissemitas. Em resumo, na história da língua polonesa, da minha avó, da minha mãe e dos antissemitas poloneses, o único desejo que se cumpriu foi o da minha avó, porque minha mãe não só foi fluente no polonês, senão que o escrevia e lia perfeitamente.

Somos, entre outras muitas coisas, a língua que falamos, e é com estas palavras que Tuwim, muito melhor do que eu e a minha avó, no seu manifesto “Nós, os judeus poloneses” escrito em 1944, entre as várias explicações que dá para o fato de sentir-se polonês, escreve:

“... polonês - porque isso me disseram na minha casa paterna, porque desde a infância fui nutrido pela língua polonesa; porque minha mãe me ensinou canções

polonesas e rimas polonesas; porque quando pela primeira vez fui capturado pela poesia, foi em palavras em polonês que ela estourou; porque o que na minha vida se transformou no mais sublime — a criação poética — seria impensável em outra língua, independentemente de quão fluente eu possa tornar-me nessa língua².”

“... polonês, pois foi em polonês que eu confessei os tremores do meu primeiro amor, e em polonês balbuciei sobre sua felicidade e tempestade.”

II

A história de Juliam Tuwim é pouco conhecida para os judeus apesar de ele ser considerado um dos maiores poetas da língua polonesa do século XX. Nascido em Lodz numa família de judeus assimilados, Tuwim estudou filosofia e direito em Varsóvia. Em 1919, um ano depois do fim da Primeira Guerra Mundial, junto com outros poetas fundou o grupo de poesia experimental *Skamander* que proclamava o surgimento da primeira geração de poetas poloneses livres. A recuperação da independência da Polônia foi um fato vivido com euforia por distintos setores da sociedade, dispostos a dar forma à nação e à cultura polonesas. Esse projeto, no entanto, via nas minorias um empecilho para cristalizar uma cultura polonesa homogênea. Nesse contexto, segundo Bauman, a ambivalência dos judeus assimilados transformou-se na pior ameaça para os nacionalistas do país. Em relação a esse fenômeno, o sociólogo afirma:

“Quanto mais exitosa foi a sua polonização [dos judeus], mais ameaçadora foi a sua ambivalência. Eles vestiam-se como poloneses, comportavam-se como poloneses, falavam como poloneses, viviam como poloneses; e todos sabiam que facilmente podiam ser confundidos com poloneses. Portanto, a sua ambivalência foi da pior espécie porque podia fugir da descoberta. Tal ambivalência exigia constante vigilância. A vigilância contra a duplicidade judaica fez com que astúcia se tornasse a maior arma na fronteira de defesa da nação polonesa (1996:583)³.”

Artur Sandauer⁴, por sua vez, observa que a assimilação de Tuwim não foi bem sucedida; o que teve êxito foi sua poesia, nascida dessa assimilação

falha e do infeliz amor à Polônia. O autor também destaca que enquanto a outra Polônia se recusava a aceitá-lo, a língua polonesa perdurou como sua verdadeira pátria. A verdadeira e a única pátria. Sandauer acrescenta que um fenômeno único se difundiu na Polônia da década de 1930: os escritores mais amados foram transformados nos seres humanos mais odiados.

Desde o início, os poemas de Tuwim tiveram um viés satírico, fenômeno que ficou igualmente notável nos numerosos monólogos e peças escritas para diversos cabarés. Os estudiosos da literatura polonesa concordam que Tuwim foi um virtuoso da lírica e do humor. Além do mais, Tuwim soube, como poucos, utilizar as características da língua polonesa e as suas múltiplas possibilidades de desconstrução através de refinadas anáforas que na sua poesia se integram perfeitamente com jogos intertextuais que graciosamente incorporam frases e palavras estrangeiras (Folejewski 1951, Baranczak 1984, Di Francesco 2007).

Mas seu estilo lírico gradativamente assumiu tons graves, obscuros e melancólicos. O crescente nacionalismo e antissemitismo que assolaram a Polônia a partir da década de 1930 produziram uma transformação na sua poesia. Di Francesco⁵ a define como poesia apocalíptica, caracterizada pelos seguintes traços:

“... O triunfo do neo-barroco no que tange a horrores e monstruosidades, uma vontade quase pós-moderna de reconstruir as peças de uma estrutura lógica já fragmentada sob as pancadas de uma conflagração universal aberrante. O homem fica consciente dos pesadelos e angústias atrás de sua lacerada pessoa e fala abertamente para si mesmo as depravações de sua alma desconcertada. E assim temos uma poesia de excessivos triunfos cristalizados numa paradoxal, desarmada visão de mundos antitéticos em um só. Longe de estar limitada ao nível de uma poesia abrupta ou um jogo lingüístico, essa visão comunica ao leitor o sentido de uma modernidade louca a caminho de sua própria dissolução.”

Acusado pela *intelligentzia* judaica de desertor e pelos poloneses de ser nada mais do que um judeu escrevendo em língua polonesa, isto é, um “eterno judeu”, Tuwim lutou a vida inteira para explicar sua identidade nacional, repetindo a mesma mensagem: que apesar de não rejeitar suas origens

judaicas, ele fez a opção de ser polonês.

Seus poemas “Ao homem comum” publicado em 1929 e “O Trabalhador”, publicado pouco depois, desencadearam uma onda de ataques a Tuwim, principalmente dos círculos da extrema direita antissemita que criticavam as posições pacifistas do poeta. Seu célebre poema *Primavera* foi imputado como pornográfico e Tuwim apelidado de “judeu pornógrafo” (Baranczak 1984: 235).

Em 1939, Tuwim foge da Polônia, fica uns anos nos Estados Unidos e alguns meses no Brasil. Finalizada a Segunda Guerra Mundial corta os laços com os poetas poloneses *emigrés* que não aceitaram a dominação soviética da Polônia e se aliaram a grupos de direita. Segundo Wilson (1990:247), a opção de voltar à Polônia também incluiu razões estritamente pessoais, provavelmente, o fato de Tuwim não suportar o exílio⁶, além de sentir uma obrigação com aqueles que sofreram a devastação da guerra em casa. O vínculo entre o sobrevivente e as vítimas polonesas é selado nas seguintes linhas do manifesto:

“Nós, judeus poloneses... Nós, sempre-vivos, que temos perecido nos guetos e nos campos, e nós, fantasmas que, do outro lado de mares e oceanos, algum dia retornaremos à pátria e assombraremos as ruínas em nossos corpos sem medo e em nossas desgraçadas, presumivelmente salvas almas. Nós, a verdade dos túmulos, e nós, a ilusão de viver; nós, milhões de corpos e nós, alguns poucos, talvez uma vintena de milhares de quase não-corpos; nós, o ilimitado túmulo fraternal, nós, um funeral judeu como nunca foi visto antes e nunca será visto novamente.”

Na análise das cartas que Tuwim escreveu durante o exílio à sua irmã em Londres, Wilson (1990: 249) constata que à diferença do escritor polonês Stempowski, que encontrou inspiração para a escrita nas viagens, Tuwim encontrou pouco estímulo nas paisagens estranhas e exóticas dos Estados Unidos e do Brasil, lugares nos quais se sentiu “como uma sombra, como um fantasma pesado, como um manequim”. No manifesto, uma frase exprime as saudades do poeta da sua terra natal, literalmente, terra natal, com as seguintes palavras: “porque as bétulas e os salgueiros me são mais caros que as palmeiras e as árvores cítricas”.

Na sua volta a Varsóvia, Tuwim recebeu importantes prêmios literários e foi nomeado Presidente da *Associação dos Amigos da Universidade Hebraica de Jerusalém*. Julian Tuwim morreu poucos anos depois, em 1953, praticamente confinado em sua casa como consequência de uma intensa agorafobia.

III

O manifesto “Nós, os judeus poloneses” foi publicado pela primeira vez em hebraico em Tel Aviv no início de 1944. Em seguida, foi traduzido do polonês ao iídiche em Nova York e posteriormente, traduzido ao checo, francês, alemão e russo. Aliás, foi através do escritor Ilya Erenburg, que em suas *Memórias* cita trechos do manifesto, que este teve certa repercussão na Rússia e, inclusive, na Polônia de meados do século XX.

De algum modo, o manifesto causou surpresa à época, já que antes dele Tuwim nunca expressou diretamente a sua solidariedade com os judeus poloneses, e em alguns poemas e ensaios curtos criticou seu fanatismo religioso e sua impossibilidade de assimilar-se à cultura do país. Entretanto, é necessário salientar que Tuwim participou da passeata em Nova York em 1944, a primeira solenidade em memória do levante do gueto de Varsóvia.

Uma primeira re-edição comentada do manifesto foi publicada em quatro línguas (polonês, iídiche, hebraico e inglês) na Polônia em 1984, na qual foi incluído o discurso “O memorial e o túmulo” que Tuwim proferiu no quinto aniversário do levante do gueto de Varsóvia, ano em que se inaugurou o memorial aos combatentes idealizado por Nathan Rappaport.

Voltando ao manifesto. Depois de explicar por que se considera polonês que, como foi mencionado, tem na língua seu maior pilar, Tuwim acrescenta que Mickiewicz e Chopin lhe são mais caros que Shakespeare e Beethoven sem encontrar para isso nenhuma razão; que dos poloneses tomou alguns defeitos nacionais, expressando, no final desse parágrafo, o desejo de depois da morte ser “absorvido e dissolvido na terra polonesa e em nenhuma outra”.

Em seguida, escrito na forma de diálogo, um imaginário interlocutor aparece em cena e retruca o poeta apontando que, apesar de ter compreendido por que Tuwim sente-se polonês,

ainda falta que o escritor explique por que o manifesto tem por título “Nos, os judeus poloneses”. A resposta do poeta é taxativa: “pelo sangue”. A voz do interlocutor aparece por última vez, inquirindo: “De novo o racismo”? “Não, não o racismo”, responde Tuwim, “exatamente o contrário”. Imediatamente o leitor se depara com um dos momentos mais apocalípticos do manifesto, no qual, depois de afirmar que existem dois tipos de sangue, o sangue que corre nas veias, aquele que interessa aos médicos e ao qual não deve ser atribuído nenhum outro valor que o biológico, Tuwim continua com as seguintes palavras:

“O outro tipo de sangue é o mesmo sangue, só que derramado por esse gângster do fascismo internacional como testemunho do triunfo de seu derramamento de sangue sobre o meu, o sangue de milhões de vítimas inocentes, sangue que não ficou escondido nas artérias senão revelado ao mundo. Não existiu desde o início da humanidade, semelhante enchente de sangue de mártires, e o sangue dos judeus (não sangue judeu, vejam bem!) mana como os ribeiros mais largos e profundos. Seus enegrecidos regatos já escorrem formando um rio tempestuoso. E é desse novo Jordão que eu suplico para dele receber o batismo dos batismos; a sangrenta, queimada, martirizada irmandade dos judeus. Abriguem-me, meus irmãos, no glorioso laço de sangue derramado. A essa comunidade, a essa igreja eu almejo pertencer a partir de agora.”

Um as linhas abaixo, o manifesto segue com palavras que se assemelham a um grito:

“Nós, o Gólgota no qual infinitas florestas de cruces podem ser erguidas. Nós, que há dois mil anos demos à Humanidade o Filho de Deus assassinado pelo Império Romano, vimos como essa morte inocente foi suficiente para fazer dele Deus. Que religião vai erguer-se de milhões de mortes, torturas, degradações e braços largamente estendidos na última agonia do desespero?”

As reiteradas voltas à dimensão do massacre cometido contra os judeus tenta dar conta daquilo

que nem a razão nem a consciência conseguem abranger: seis milhões de judeus inocentes foram assassinados! Ou como assinala Lem (2005: 13).

“Diante do crime industrializado tornam-se completamente inúteis as categorias tradicionais de culpa e castigo, de memória e de perdão, de contrição e de vingança, alguma coisa que todos secretamente sabemos diante desse oceano de morte no qual estava submergido o nazismo, pois nenhum dos assassinos, nem dos inocentes, é capaz de conceber em toda a sua magnitude o significado das palavras “milhões, milhões, milhões foram assassinados.”

Mas se o manifesto é dilacerante e têm tons apocalípticos, uma tênue esperança observa-se nas linhas em que Tuwim postula a possibilidade de que no futuro as condecorações dos heróis poloneses sejam a estrela amarela, e na necessidade de construir um memorial para as vítimas do Holocausto, diante do qual as crianças polonesas se persignarão.

IV

A história do século XX mostrou que o judeu “cosmopolita”, se bem trouxe contribuições sem precedentes para a História da cultura ocidental, não foi recebido de portas abertas pelos seus concidadãos europeus. A emancipação, que garantiu aos judeus a igualdade de direitos políticos e civis sobre a base de valores universais, rapidamente cedeu às idéias nacionalistas, e o ideal do homem universal foi substituído pelo do patriota. Imediatamente, acusações de dupla lealdade dos judeus foram seguidas por perseguições, pogroms e fuzilamentos massivos, culminando com o extermínio de seis milhões de judeus pelos nazistas.

No cambiante mapa da moderna Europa de inícios do século XX, o discurso nacionalista defendeu o princípio de homogeneidade cultural e étnica. Entretanto e como nos lembra Gellner (1983), uma unidade política territorial só pode ser etnicamente homogênea se são executadas políticas de extermínio, expulsão ou assimilação forçada, ao que o antropólogo inglês acrescenta que são os nacionalismos os que criam as nações e não o contrário. A exo-educação, cujo objetivo foi a homogeneização cultural dos cidadãos na era da industrialização, foi para Gellner uma condição *sine*

qua non para o estabelecimento dos modernos Estados nacionais, sendo a escola pública seu pilar principal. A exo-educação e a exo-socialização, i.e., a produção do homem fora dos limites das unidades locais, se transformaram na norma do Estado moderno a partir de finais do século XIX. Segundo Gellner (1983) o imperativo da exo-educação é o indicador principal de por quê, na sociedade industrial, cultura e Estado devem estar unidos, enquanto no passado sua conexão era fortuita e mínima. Mais precisamente, na Era dos nacionalismos, isto é, nos séculos XIX e XX, essa união tornou-se iniludível.

É interessante que como outros teóricos do nacionalismo (Anderson 1991, Hobsbawm 1991 e Safran 2008), Gellner aponta a língua, mais precisamente, as línguas vernáculas, como indicador mais visível e importante da cultura. Anderson, por sua vez, (1991) se referirá à “fatalidade da diversidade da linguagem humana” como um dos disparadores das lutas entre nações. Simultaneamente, a fixação da linguagem através da imprensa, ou dito de outro modo, a criação de jornais diários, desenvolveu uma “agenda” comum a todos os cidadãos, fenômeno central à idéia subjetiva de nação. Na superação do obstáculo (da fatalidade?) das múltiplas línguas, a imprensa foi fundamental na construção de uma língua nacional, vista pelos cidadãos como a língua dos tempos passados, a língua dos ancestrais e de seus autênticos descendentes.

Mas não foi em polonês que Tuwim escreveu sua obra literária?

No artigo “Revenge on Language: Julian Tuwim’s Ball at the Opera”, longa análise do famoso e controverso poema de Tuwim realizado pelo crítico literário polonês Baranczak, lemos (1984: 243):

“A violência poética é, na verdade, a substância de qualquer linguagem poética. O poema de Tuwim, contudo, empurra esta tendência até os extremos; ele não só zomba da gramaticalidade, mas até mesmo ataca a integridade das palavras e a identidade da língua⁷.”

Por sua vez, Folejwski, prestigioso pesquisador polonês de línguas eslavas, define a Tuwim como o mais individualista dos poetas poloneses do período, enfatizando a liberdade de suas rimas e acrescentando:

“A linguagem de Tuwim constitui uma mistura livre de poetismos, prosaísmos, gíria, às vezes quase independentes do vocabulário comum e das leis de sintaxe. Ele é um daqueles poetas que é quase impossível de traduzir a outra língua. Pessoalmente, sinto que alguns fragmentos de seu poema “Flores polonesas” são a poesia mais imponente escrita alguma vez em língua polonesa (1951: 225).”

Sim, Tuwim escreveu sua vasta obra literária em polonês, mas esse fato e o sentir-se polonês não o salvaram dos ataques dos antissemitas que não o consideravam polonês, mas, possivelmente, um intruso, um estranho na terra e na cultura polonesas. Em sua análise das intrincadas e complexas relações entre linguagem, etnicidade e religião na construção das nações, Safran (2008: 182-3) observa que no caso polonês, desde o começo a religião e não a língua foi o elemento mais importante para a construção na nação polonesa⁸

Por outro lado, no instigante artigo: “Cómo los vecinos se convierten en judíos: la construcción política del extraño en una era de modernidad reflexiva”, cujo próprio nome é desafiador, Ulrich Beck (2007) desvenda as estratégias políticas e sociais que levaram, na Polônia moderna, a que os vizinhos poloneses judeus fossem transformados em estranhos. O conceito “estranho” é analisado tendo como base empírica o caso dos judeus poloneses antes da Segunda Guerra e fenômenos atuais, como o dos turcos na Alemanha e, inclusive, os alemães da Baviera que moram em Berlin. Tendo como pano de fundo essas realidades, Beck (2007) lucidamente observa que estranhos não são os turcos que moram na Turquia, mas os turcos em Berlim-Kreuzberg, estranha é uma mulher negra que fala o dialeto de Munich passeando por Frankfurt. Seguindo uma abordagem similar à de Bauman⁹ no que diz respeito à ambivalência dos judeus europeus, Beck afirma que os estranhos constituem a refutação viva dos limites e dos fundamentos naturais que se apresentam como claros no Estado-nação. Nas palavras do autor:

“Em resumo, a peculiaridade do conceito “estranho” surge porque é um conceito sem um contraconceito. Os estranhos, conseqüentemente, estão determinados **não** somente pelo fato de estarem

delimitados pelos outros; estão determinados muito mais pelo fato de que minam e estouram todas as categorias da ordem social. Os estranhos não são nem inimigos nem amigos; nem nativos nem estrangeiros; estão perto e não perto, longe, mas aqui; são vizinhos isolados pelos vizinhos, como não-vizinhos, como estranhos. A raridade dos estranhos se mostra surpreendente e tentadora.” (Beck 2007: 55).

V

A época em que Tuwim escreveu seu manifesto “Nós, judeus poloneses” é denominada a Era dos nacionalismos para os estudiosos do fenômeno, não só na Europa dilacerada por guerras fratricidas e pela desagregação de impérios, mas também no Médio Oriente e no Oriente longínquo. Provavelmente, se escrito nos dias de hoje, um hífen apareceria no título do texto, o que nos remeteria, automaticamente, à legitimidade da binacionalidade aludida por Tuwim. E talvez, haveria até quem tentasse concluir que a escolha de Tuwim de colocar em primeiro lugar, judeus, significaria que nessa identidade hífenizada ser judeu era mais importante para o poeta que ser polonês¹⁰. Mas estas elucubrações só fazem sentido na mente de um indivíduo contemporâneo, época em que, em menor o maior grau, o multiculturalismo e as múltiplas identidades que convergem em milhões indivíduos no mundo globalizado constituem instâncias legítimas política e culturalmente. Na Era dos Nacionalismos, entretanto, a procura pela pureza e pela autenticidade da raça, da nação ou da cultura desembocou na criação de nacionalismos alucinados e na política nazista de uma Europa livre de judeus, objetivo para o qual foi posta em prática a “solução final”.

Como fora dito, Julian Tuwim escreveu seu manifesto no exílio em 1944, e apesar de que o genocídio contra os judeus foi planejado pelos nazistas e perpetrado em grande medida por eles, suas palavras têm como destinatário principal os poloneses. Aqueles poloneses que não o consideravam polonês do mesmo modo em que não consideraram poloneses a mais de três milhões de judeus nascidos na Polônia e exterminados pelos nazistas. A referência aos “fascistas domésticos” encontrada no segundo parágrafo do manifesto deixa clara essa questão.

Quase no final do manifesto, a dor do exílio

causado pela catástrofe que covardemente calou as maiorias, envergonhando intelectuais de diversas nações, políticos, sacerdotes e o próprio Papa Pio XII¹¹, nos deparamos com a agonia de quem teve de fugir da pátria sem ter cometido nenhum crime e sabe que na volta só a morte e a sombra da morte o esperam:

Nós, que estamos sentados e choramos sobre as margens de rios distantes, como uma vez estivemos sentados na beira da Babilônia. Ao redor do mundo inteiro Rachel lamenta seus filhos, e não há mais filhos. Nas margens do Hudson, do Tâmis, do Eufrates e do Nilo, do Ganges e do Jordão nós andamos sem rumo, dispersos e abandonados, gritando: “Vístula! Vístula! Vístula! Nossa Mãe! O Vístula cinza se transformou em rosa não pela cor rosada da aurora, mas pela cor do sangue.

O Vístula como símbolo da Polônia; Berlim como símbolo da Alemanha. Depois de finalizada a Segunda Guerra, alguns milhares de judeus poloneses e judeus alemães decidiram ficar ou voltar a esses países que consideravam ser sua pátria. A maioria de seus correligionários os considerou loucos, iludidos, alucinados e até traidores. Mas não foi esse ato uma revolta, uma demonstração viva de que os nacionalistas de direita e os nazistas estavam errados? De que eram eles os que eram ou ficaram loucos e alucinados e traíram os valores mais básicos da convivência social e dos direitos humanos? A volta ou a permanência de judeus na Alemanha pós-Guerra não é uma clara refutação da inverdade e das falácias das teorias racistas que inspiraram o nazismo e excluíram os judeus da “comunidade alemã”?

No que diz respeito a Tuwim, sua volta à Polônia foi motivada pelo anseio de viver na pátria, uma pátria dilacerada, mas o único lugar no qual acreditava possível continuar a vida. Entretanto, é interessante e até difícil de compreender a mudança radical observada no discurso proferido por Tuwim no quinto aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia em 1948, isto é, quatro anos depois de ter escrito o manifesto. Nesse discurso, o poeta se apresenta como um homem “desligado de quaisquer vínculos ou alianças religiosas, nacionais ou tribais”, posicionamento que talvez tenha irritado os poloneses comunistas, ao verem

“seu” poeta judeu-polonês aderir de forma tão radical a valores universalistas obliterando, desse modo, a singularidade polonesa. Shmeruk, tradutor do manifesto ao iídiche e autor de seu prefácio, afirma que a verdadeira e mais importante metamorfose acontecida na visão de Tuwim nos anos passados entre a escrita do manifesto e a do discurso em memória aos caídos no Gueto de Varsóvia radica na sua aceitação, em 1948, de presidir a *Associação dos Amigos da Universidade de Jerusalém* na Polônia, fato inimaginável antes do Holocausto.

Acredito importante citar alguns trechos do discurso “O Memorial e o túmulo” para que o leitor possa observar a mudança radical de Tuwim em relação ao papel da nacionalidade no horror que foi a Shoá. Assim:

“Eu sou plenamente consciente e completamente responsável pelas minhas palavras. Ouçam-me:

Nunca me senti mais livre de qualquer solidariedade nacional do que hoje, quando estou de pé olhando o memorial das vítimas do Gueto de Varsóvia, o vasto túmulo do povo do qual emergi.

Eu não vim aqui como judeu, como polonês ou como europeu. Se assim fosse, a minha homenagem seria demasiado insignificante e meu luto, demasiado superficial.

Eu vim aqui, Anônimo e Sem-Rosto – para acender a chama da humanidade neste túmulo e diante deste memorial. Acima de suas cinzas, meus queridos irmãos judeus, eu acendo a chama da ira.

Porque, amigo, neste túmulo jazem não só os ossos dos judeus assassinados. A consciência da espécie humana se encontra também sepultada neste lugar.

Deixem que seja ela a primeira a emergir entre os mortos.”

A voz de Tuwim é a voz de um judeu polonês e, antes de tudo, é a voz do poeta. Meio século depois, através da análise sociológica, outro judeu polonês, Zygmunt Bauman (2007: 580) explica os intrincados meandros da consciência dos poloneses diante do genocídio com mais frieza e declara:

“A memória suprimida de assassinatos em massa envenena a consciência da nação que os testemunhou; o fato de essa nação de testemunhas silenciosas não ter contribuído ativamente na sua perpetração não facilita a questão. E porque o inconsciente sabe que a culpa está lá e dificilmente alguma vez se vá, a consciência se rebela e veementemente procura pretextos. Se somente as vítimas pudessem ser acusadas...”

A Era das Ideologias e dos nacionalismos pareceria ter finalizado num mundo marcado pelas migrações maciças, pela transnacionalização e pela globalização. E embora as políticas de tolerância com o “outro” e com o “estranho” tenham se estabelecido -apesar de oscilarem dependendo do contexto geográfico e da conjuntura política-, é muito improvável que inclusive hoje algum indivíduo possa declarar publicamente a sua pertença nacional como o fez Tuwim em seu manifesto “Nós, os judeus poloneses”. Uma frase só, um ato inigualável de teimosia e coragem que desafia quaisquer juízos: “E por sobre todas as coisas [sou polonês] porque quero ser polonês.”

Minha avó, como disse, também se sentia polonesa. Minha avó perdeu toda a família na Polônia. Nenhum familiar sobreviveu à hecatombe nazista. Mas na década de 1980, quando a primeira pessoa conhecida visitou a Polônia, Chaja Liba Judski de Zakrzewski, minha avó, só pediu uma coisa: um punhado de terra da Polônia. Para cheirá-la. Para imaginar os bosques de bétulas da juventude que essa terra provavelmente gerou. E mais importante que isso, para que esse punhado de terra fosse colocado dentro do seu túmulo.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, a partir da perspectiva teórica dos processos de construção dos estados-nação na Europa dos séculos XIX e XX, o manifesto “Nós, os judeus poloneses”, escrito pelo poeta Julian Tuwim em 1944. A ideologia nacionalista polonesa e seu antissemitismo intrínseco levaram a ver nos judeus uma ameaça à identidade polonesa, que incluiu poetas e escritores judeus assimilados à língua e à cultura do país. A expulsão dos judeus da nova nação polonesa e o massacre de mais de três milhões de judeus poloneses pelos nazistas é um dos temas recorrentes no manifesto escrito por Tuwim.

PALAVRAS CHAVE: antissemitismo – nacionalismo – Polônia

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the manifest “We, Polish Jews” written by Julian Tuwim in 1944, from the perspective of the theories about the nation building process in Europe during the XIX and XX centuries. The Polish nationalist ideology and its intrinsic anti-Semitism led to see the Jews as a threat to the Polish identity, including poets and writers assimilated to Polish language and culture. The expulsion of the Jews from the new Polish nation and the massacre of over three million Polish Jews by the Nazis is one of the recurring themes in Julian Tuwim’s manifest.

KEYWORDS: anti-Semitism – Nationalism - Poland

Notas

¹ Todas as citações dos textos de Tuwim foram traduzidas ao português da versão inglesa encontrada na edição tetralíngue do manifesto: *We, Polish Jews...*, organizada por Chome Szmeruk. Varsóvia: Amerykańsko-Polsko-Izraelska Fundacja Shalom, 1993.

² Todas as citações do inglês e do espanhol foram traduzidas ao português pela autora.

³ Bauman, Z. "Assimilation into Exile: The Jew as a Polish Writer". *Poetics Today*, 17(4) 1996, p. 585.

⁴ Baranczak, S. "Taking Revenge on Language: Julian Tuwim’s Ball at the Opera". *Slavic and European Journal*, 28(2) 1984. p. 237 também define a poesia de Tuwim como apocalíptica, literalmente “mais apocalíptica do que histórica”.

⁵ Considero importante citar as seguintes reflexões de Bauman (1996: 569) sobre o exílio; ele mesmo, um judeu exilado: “Estar no exílio significa estar fora do lugar; também necessitar estar em outro lugar; e também, não ter esse “outro lugar” no qual a pessoa estaria. Assim, o exílio é um lugar de confinamento compulsório, mas também é um lugar irreal, um lugar que em si mesmo está fora de lugar na ordem das coisas. Tudo pode acontecer aqui, mas nada pode ser feito aqui. No exílio a incerteza encontra a liberdade”.

⁶ Em outro trecho do mesmo artigo, Baranczak (1984: 244) afirma: “‘Słowieńie’ (poema escrito por Tuwim) foi uma expressão do amor de Tuwim pela língua – um amor tão fanático que o fez expandir a língua no afã de criar uma nova realidade”.

⁷ Safran, W. "Language, Ethnicity and Religion: a Complex and Persistent Linkage". *Nations and Nationalisms*, 14(1) 2008, p.: 183) acrescenta: “Julian Tuwim, um dos mais proeminentes

poetas poloneses durante o período entre-guerras, era judeu, e os judeus que sobreviveram ao Holocausto e ficaram na Polônia foram majoritariamente falantes do polonês e seculares; mas a memória da sua cultura e língua diferentes foi tão forte que inspirou o antissemitismo pós-guerra”

⁸ “Dito em poucas palavras, os estranhos são a ambivalência como existência” (Beck, U. "Cómo los vecinos se convierten en judíos: La construcción política del extraño en una era de modernidad reflexiva". *Papers*, 84, 2007, p. 55.)

⁹ É importante assinalar que em polonês duas formas são possíveis: *Zydzi polscy* e *polscy Zydzi*, sendo que no primeiro caso, o atributo polonês é inseparável, enquanto que no segundo caso, polonês é um traço secundário como o de um judeu que acidentalmente está na Polônia. Devo esta observação a Jan Szeminski.

¹⁰ Obviamente, existiram grupos de partisans na Polônia e em outros países da Europa. Também é necessário lembrar os alemães que, desde a ascensão de Hitler ao poder, do exílio condenaram o regime nazista, a exemplo de Willy Brandt e Thomas Mann. Este último, em seu programa de rádio da BBC, já em 1942 denunciou a aniquilação dos judeus nas regiões conquistadas pelos alemães.

RECEBA A REVISTA DIGITAL DO NIEJ POR E-MAIL

Nossa revista é semestral e gratuita. Para fazer o download do arquivo, você deve acessar o blog do NIEJ [www.niej.org.br] ou enviar uma solicitação para ufrj.niej@gmail.com. Quando uma nova edição for lançada, você receberá o arquivo em sua caixa de e-mail. Edições anteriores acesse o blog.